

## Vídeo Documentário “Adoção: por que eu?”<sup>1</sup>

Mauricio MARTINS<sup>2</sup>  
Adilvane SPEZIA<sup>3</sup>  
Andreia ECKHARDT<sup>4</sup>  
Maira KEMPF<sup>5</sup>  
Poliana GRUDKA<sup>6</sup>  
Rafael LOURENÇO<sup>7</sup>  
Cássio TOMAIM<sup>8</sup>

Universidade Federal de Santa Maria/ *campus* Frederico Westphalen

### RESUMO

O que mudaria em sua vida se descobrisse que é adotado? Os quatro personagens deste documentário narram suas experiências diante desta descoberta. O vídeo revela histórias de amor sem preconceito e com responsabilidade; que modificaram as vidas de Angela Malheiros, Kátia Lacorte, Rafael dos Santos e Maria Teresinha Prestes. As histórias revelam suas experiências ora bem sucedidas, ora frustradas diante da descoberta de que são filhos adotivos. São histórias de abandono e da falta de carinho, mas também de amor incondicional e da relação com a família. O documentário “Adoção: por que eu?” é um produto realizado para a disciplina de Laboratório de Telejornalismo III, da Universidade Federal de Santa Maria, *campus* de Frederico Westphalen, a partir de uma perspectiva do documentarismo participativo (NICHOLS, 2005).

**PALAVRAS-CHAVE:** Vídeo Documentário; Documentário Participativo; Adoção; Abandono.

### 1 INTRODUÇÃO

Realizar um documentário requer primeiramente, saber do que trata esse tipo de cinema. Ramos destaca que identificar suas características e dizer o que é ou não

---

<sup>1</sup>Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria “Cinema e Audiovisual”, na modalidade “Filme de não ficção/ documentário/ docudrama (avulso)”.

<sup>2</sup>Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: [mauriciomartinsbikoske@hotmail.com](mailto:mauriciomartinsbikoske@hotmail.com)

<sup>3</sup>Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: [adi.jornalismo@gmail.com](mailto:adi.jornalismo@gmail.com)

<sup>4</sup>Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: [andreiape014@gmail.com](mailto:andreiape014@gmail.com)

<sup>5</sup>Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: [mairakempf@hotmail.com](mailto:mairakempf@hotmail.com)

<sup>6</sup>Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: [pollygrudka@hotmail.com](mailto:pollygrudka@hotmail.com)

<sup>7</sup>Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: [rafaeldlrafa@yahoo.com.br](mailto:rafaeldlrafa@yahoo.com.br)

<sup>8</sup>Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: [tomaim78@gmail.com](mailto:tomaim78@gmail.com)

documentário, não é tarefa fácil, mas uma característica do documentário é a de se apresentar como “asserções ou proposições sobre o mundo histórico” (RAMOS, 2008, p. 22).

Em um documentário temos atores sociais que “continuam a levar a vida mais ou menos como fariam sem a presença da câmera”, destaca Nichols (2005, p. 31), pois documentário não pode ser definido como uma cópia da realidade, mas sim uma “*representação* do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão de mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares” (NICHOLS, 2005, p. 47, grifo do autor).

O autor ainda destaca que algumas normas e convenções podem nos ajudar a identificar um documentário:

[...]o uso de comentário com voz de Deus, as entrevistas, a gravação de som direto, os cortes para introduzir imagens que ilustrem ou compliquem a situação mostrada numa cena e o uso de atores sociais, ou de pessoas em suas atividades e papéis cotidianos, como personagens principais do filme (NICHOLS, 2005, p. 54).

O documentário *Adoção: por que eu?* Adota o modo participativo na perspectiva de “testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente, e não por alguém que observa discretamente esse mundo” (NICHOLS, 2005, p. 154). O diretor nesse tipo de documentário precisa atentar que sua participação é de extrema importância para que o espectador entenda e possa refletir sobre o tema do o filme, pois é o seu engajamento participativo no desenrolar dos acontecimentos que fará com que o documentário prenda ou não a atenção espectador, completa Nichols (2005, p. 158).

*Adoção: por que eu?* aborda a relação afetiva entre adotados e adotantes, procurando revelar por meio das histórias dos personagens as marcas de um processo de adoção, que envolve, emocionalmente, a família toda. Entretanto, ao invés de ouvir os pais adotivos, como faz a maioria dos produtos jornalísticos, optamos por focalizar o outro lado, aqueles que ao descobrirem que foram adotados precisam aprender a lidar com a sensação de abandono pelos pais biológicos.

Investigar o tema da adoção sobre a perspectiva do afeto é um desafio, tendo em vista a burocracia que envolve o processo e o silenciamento que predomina na sociedade a respeito do assunto. Portanto, contar com os relatos de nossos personagens contribuiu para evidenciarmos estes aspectos.

O vídeo documentário, apresenta quatro personagens, que residem na Região Noroeste do Rio Grande do Sul. Ângela Malheiros, 17 anos, é natural de Panambi e estuda jornalismo na UFSM, e mora atualmente em Frederico Westphalen. Foi adotada quando ainda era bebê porque seus pais não tinham condições de criá-la. Além dela, a sua família adotou outro irmão. Ângela nunca teve vontade de conhecer sua família biológica.

Kátia Lacorte, 21 anos, estudante de Jornalismo da UFSM/FW e natural de Santo Augusto. É filha adotiva e possui um irmão mais novo, que também é adotado. Ela destaca que nunca lhe faltou amor e atenção da família adotiva, por isso, mesmo tendo acesso ao nome de seus pais biológicos, não teve curiosidade de conhecê-los. Em 2013 lançou-se em uma busca para compreender o seu processo de adoção por meio de uma reportagem que desenvolveu para uma disciplina da universidade.

Rafael dos Santos, 23 anos, natural de Alagoas (Maceió), possui Licenciatura em Filosofia e especialização em Antropologia, cursado no Vaticano e trabalha atualmente na Diocese de Frederico Westphalen. É adotado e conheceu sua família biológica depois dos 19 anos, se diz bem resolvido nesta relação.

Maria Terezinha Ciotti Prestes, 38 anos, mora em Seberi-RS, dona de casa. Maria não se conformava em ser adotada e foi atrás da família biológica, conhecendo sua mãe quando tinha 35 anos e, um ano depois, seu irmão. Com ambos não mantém nenhum convívio.

Procuramos por meio do vídeo documentário mostrar os laços que se formam em uma família que decide pela adoção, laços esses que se tornam tão fortes quanto os laços de sangue. As histórias destes personagens revelam como o afeto pode unir pessoas.

O documentário *Adoção: por que eu?* foi um produto realizado pelos acadêmicos do 6º semestre do Curso de Comunicação Social – Hab. em Jornalismo, para a disciplina de Laboratório de Telejornalismo III, da Universidade Federal de Santa Maria, *campus* Frederico Westphalen, ministrada pelo Professor Doutor Cássio Tomaim.

## **2 OBJETIVO**

O objetivo desse documentário foi explorar o olhar dos filhos adotados em relação à afetividade para com os pais adotivos. Narrar as histórias de cada personagem, suas experiências diante da descoberta de sua adoção. Como esta revelação modificou suas vidas? Visamos com o vídeo abordar histórias da adoção como um ato transformador, sem

deixar de abordar as experiências por hora frustradas, que dizem respeito ao abandono e a falta de carinho que perpassa o tema da adoção.

### 3 JUSTIFICATIVA

Nesse vídeo nos propomos a falar da adoção sobre outro olhar, sobre a ótica dos filhos, diferentemente da maioria dos documentários e produtos jornalísticos que privilegiam a perspectiva dos pais adotivos. Os nossos personagens são pessoas adotadas que convivem diariamente com o estigma do abandono. Por isto não nos interessa apenas compreender a relação destes com as famílias adotiva e biológica, sequer o que pensam seus pais, mas aprofundar o aspecto afetivo que marca suas vidas e identidades.

O grupo desafiou-se a empreender uma investida no universo da adoção, visando compreender como o afeto é construído e cultivado por parte tanto de adotados quanto de adotantes, uma vez que as pessoas adotadas também “adotam” (em termos afetivos) os pais não biológicos. Ao longo da história, a adoção recebeu vários significados, desde religiosos e até políticos, por vezes valorizados ou não, conforme a cultura e o modo de pensar de determinada época, como abordam os autores Paiva (2004) e Weber (1999).

Cada família tem experiências diferentes com a adoção, envolvendo vários aspectos, o mais comum é a infertilidade, mas há também os mitos e medos com relação à revelação da adoção ao filho. Preocupações estas que ocorrem por conta do senso comum, muitas vezes carregada de pré-conceito, o que reflete na falta de informação a respeito da temática. Atitudes que levam os interessados à práticas ilegais, como por exemplo quando a criança recém-nascida é registrada em cartório como filho dos adotantes, mas sem a abertura de um processo legal de adoção. Esta prática é conhecida como adoção *à brasileira*, muito comum até os anos de 1980, quando cerca de 90% das adoções eram realizadas desta forma no país (WEBER, 2001).

A Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) em 2008 realizou um estudo constatando que, apenas 35% das pessoas que responderam a pesquisa afirmaram que, caso desejassem adotar, buscariam uma criança por meio das Varas de Infância e Juventude. Já 66,1% recorreriam aos hospitais, maternidades ou abrigos, confirmando que a maioria dos brasileiros não sabe por onde se inicia um processo de adoção legal (AMB, 2008).

A primeira vez que a adoção apareceu em nossa legislação, em 1928, tinha por função solucionar o problema dos casais sem filhos, um erro, pois se pretendia solucionar apenas o problema de infertilidade dos casais (PAIVA, 2004). Um marco importante do

Código Civil foi a Lei Nº 3.071/1916, quando passa a ser aglutinadas várias leis que contribuíram para com a adoção, conforme Weber (2007). Muitas adaptações foram feitas desta data até os dias de hoje, como a Lei Nº 8.069/1990 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, garantindo os direitos fundamentais da criança e do adolescente, entre as quais a adoção e suas diretrizes.

O juizado de menores é quem vai trabalhar de forma direta nos casos de adoção por meio da Justiça da Infância e Juventude, no Rio Grande do Sul. Para facilitar a circulação de informações, o Estado criou o site da Infância e da Juventude, com o objetivo de ser uma importante ferramenta de pesquisa e divulgação do trabalho realizado em prol de crianças e adolescentes, trazendo todas as informações referentes à adoção e habilitação dos pretendentes a adoção.

A proposta de fazermos um vídeo documentário sobre adoção por meio da visão dos filhos adotivos se dá pela falta de abordagens sobre a relação posterior ao momento da adoção, ou seja, como é descobrir que é adotado e como se sentiram estas pessoas ao se darem conta que foram criados no seio de outra família. Por meio dos personagens escolhidos, que carregam consigo histórias diferentes entre si, pretendemos mostrar como esse tema mexe com as pessoas e com os laços afetivos no interior de uma família.

Durante as pesquisas para o documentário, o grupo identificou a falta de um produto audiovisual que abordasse a relação afetiva que ocorre entre pais e filhos adotados, pois o que há são sempre registros sobre as filas de espera nos orfanatos que, por sua vez, são abordados, em geral, sob a perspectiva judicial.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O vídeo documentário que nos propomos a construir seguiu o modo participativo. Esse modo “nos dá uma ideia do que é para o cineasta estar numa determinada situação e como aquela situação, conseqüentemente, se altera. Os tipos e graus de alteração ajudam a definir variações dentro do modo participativo do documentário” (NICHOLS, 2005, p. 153).

Iniciamos, em grupo, debatendo sobre o tema que abordaríamos na produção do vídeo documentário e, decidimos pelo tema adoção. A seguir, passamos à pesquisa sobre o assunto, o que diz a legislação brasileira, as mudanças nos últimos anos para as famílias poderem adotar uma criança, quais as instâncias que devem ser procuradas para a adoção transcorrer de forma legal.

Com uma pesquisa prévia, decidimos que o vídeo documentário “*Adoção: por que eu?*” lançaria um olhar sobre a afeição que os filhos adotivos possuem para com sua família tanto adotiva quanto biológica. Com isso, iniciamos a procura por personagens, que, ao final, aceitassem a difícil tarefa de falar sobre o tema e nos contassem suas histórias de vida. Depois de muita pesquisa nos deparamos com os personagens Angela Malheiros, Kátia Lacorte, Rafael dos Santos e Maria Teresinha Prestes, que aceitaram participar do documentário. A partir disso, iniciamos a construção do roteiro, que sofreu algumas mudanças estruturais ao longo do processo, cada vez que víamos a necessidade destas.

Nos encontros com nossos personagens; sabíamos que, para criar intimidade e para a pessoa se sentir segura, seriam necessários vários encontros, o que foi realizado pelo grupo com todos os personagens, desde as primeiras gravações de imagens do dia-a-dia de cada um, como também dos depoimentos. Ao longo desses dias de gravações, os personagens contaram suas histórias, suas experiências, a descoberta de ser adotado, enfim, realizaram um trabalho de memória que depois coube a equipe do documentário encontrar uma estrutura narrativa que pudesse uni-las, já que se tratavam de quatro personagens diferentes, com experiências das mais diversas a respeito do ato da adoção. Um fato eles tinham em comum: tinham sido adotados quando ainda eram recém-nascidos.

Quando fizemos o primeiro contato com os nossos personagens, procuramos conversar sem o compromisso de gravarmos os depoimentos em vídeo, e sim, mantermos um diálogo para criarmos intimidade e darmos segurança aos entrevistados, para que eles pudessem contar suas histórias não para um estranho, mas para alguém que estivesse ali disposto a ouvir o que tinham a dizer. Na hora das gravações o diretor já conhecia um pouco de suas vidas. Ele já não era tão estranho àquelas pessoas.

Além das capturas dos depoimentos dos personagens, também foram realizadas gravações dos objetos, dos livros, do dia a dia dos personagens no trabalho, suas atividades de lazer. Buscamos conhecer o cotidiano de cada entrevistado, além de algumas destas imagens poderíamos nos ajudar na “tradução” visual destes personagens.

Procuramos analisar como é a relação afetiva entre os pais e filhos que percorrem esse processo, por meio de entrevistas semiestruturadas, método que tem por base o diálogo e não perguntas e respostas, permitindo um aprofundamento em termos subjetivos de relato por parte dos personagens. A entrevista, no documentário participativo é uma das formas mais comuns para o encontro entre o cineasta e o tema, segundo Nichols (2005, p. 159), pois “os cineastas usam a entrevista para juntar relatos diferentes numa única história. a voz

do cineasta emerge da tecedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem” (NICHOLS, 2005, p. 160).

Durante os depoimentos, as tomadas das cenas foram feitas com câmera estática, mas também preocupou-se em destacar os detalhes de mão, rosto, etc, a fim de que estas cenas conseguissem revelar o estado emocional dos personagens. Já para as cenas externas priorizou-se a câmera em punho ou no ombro dos cinegrafistas. Não foram realizadas tomadas em estúdio, preferindo entrevistar os personagens em suas casas, no ambiente familiar, em busca de também descrevê-los a partir deste ambiente doméstico.

Para colocar em prática nosso projeto, utilizamos a câmera que é fornecida pela Universidade, Filmadora Profissional Sony Hxr-mc 2000/Avchd, fazendo uso de um tripé e também de uma segunda câmera, desta vez uma câmara fotográfica D90, 105 mm, que foi utilizada tanto no tripé quanto em movimento pelos cinegrafistas. Para o áudio, utilizamos o *Boom* para garantir uma maior qualidade de som.

Fizemos uso preferencialmente do plano médio e de alguns *closes*, dando destaque às expressões faciais dos personagens ao longo de seus depoimentos. O diretor teve a tarefa de conduzir os entrevistados para que eles não saíssem do tema proposto, mas sempre priorizando a marca do diálogo para o espectador, despertando os sentimentos e ligando-o às histórias narradas.

Usamos fotos digitalizadas que nos ajudaram a contar as histórias de vida de nossos personagens. Materiais de arquivo que trazem as lembranças dos mesmos e que ajudam o espectador a compreender a importância desses momentos para a vida dos entrevistados. Com as gravações dos materiais e o roteiro em mãos, iniciou-se o trabalho de edição do vídeo realizado no programa Adobe Premier CS4.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O início das gravações do vídeo documentário “*Adoção: por que eu?*”, um produto da disciplina de Laboratório de Telejornalismo III do curso de Comunicação Social – Hab: Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, *campus* de Frederico Westphalen, se deu de 11 de novembro de 2013 a 08 de janeiro de 2014, foram realizadas, no mínimo, duas entrevistas com cada um dos quatro personagens. Kátia, Rafael e Angela tiveram suas gravações realizadas na cidade de Frederico Westphalen - RS, onde a equipe acompanhou o dia-a-dia destas personagens. Com Maria Teresinha também gravamos imagens de seu cotidiano, em sua casa e o trabalho no interior do município de Seberi - RS.

O filme inicia mostrando o cotidiano de Dona Teresinha, a equipe chega à casa da senhora e mostra como é a vida da agricultora no campo, as primeiras cenas são do dia a dia da personagem. Na varanda da casa de Dona Teresinha o diretor pergunta como a mulher conseguiu lidar em saber que era adotada. Depois da fala da personagem surge uma música de fundo com o nome do vídeo documentário “Adoção: por que eu?”.

No bloco narrativo 1 os personagens contam como foi a sua infância. Os entrevistados contam através de depoimentos momentos que viveram na infância e que remetem a algo que desconfiasse que eram filhos adotivos. No bloco narrativo 2 os personagens relatam como foi a descoberta em saber que foram adotados, quais os indícios que levaram eles a perceberem que eram adotados. Além de narrar como eles lidaram em saber que eram adotados e, no bloco narrativo 3 os personagens contam como se deu a busca em descobrir os seus pais biológicos, os personagens contam como foi o encontro com a mãe biológica, como foi os sentimentos em ver a primeira vez as pessoas que abandonaram eles.

Foi produzido também um encarte para a distribuição do vídeo documentário (figura 01, abaixo).



Figura 01: Encarte do DVD



## 6 CONSIDERAÇÕES

O vídeo documentário “*Adoção: por que eu?*”, produto realizado para a disciplina de Laboratório de Telejornalismo III, fez com que pudéssemos interagir com os nossos entrevistados de uma maneira diferente da qual estávamos habituados na faculdade de Jornalismo. Precisamos estar abertos sempre a ouvir e contar histórias na nossa profissão, porém com o vídeo documentário é necessário mais do que isso, precisamos dar segurança às pessoas que estamos ouvindo, para que elas se sintam a vontade em abrir as portas de sua vida e nos contá-la.

O tema escolhido pelo grupo para a abordagem do vídeo documentário requer cuidados, pois estamos lidando com um assunto, por muitas vezes, difícil de ser externado pelas pessoas. O vídeo e, conseqüentemente, seus personagens enfrentam o desafio de quebrar os preconceitos sobre a adoção. A realização deste produto audiovisual mostrou ao grupo a importância de preocuparmo-nos com as questões estéticas, diferente das demais produções jornalísticas das quais estamos acostumados no dia a dia, como também nos proporcionou o aprendizado de ouvir histórias, dando espaço para as revelações de nossos personagens sociais sobre seus sonhos, alegrias, tristezas etc. Ao final da atividade, aprendemos que a produção de um documentário pode ser um valioso espaço de troca e reflexão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação dos Magistrados do Brasil (AMB). **Percepção da população brasileira sobre a adoção**. Brasília/DF, 2008. Disponível em: <[http://www.amb.com.br/mudeumdestino/docs/pesquisa\\_adocao.pdf](http://www.amb.com.br/mudeumdestino/docs/pesquisa_adocao.pdf)>. Acesso em: 04 out. 2013.

BERTHOUD, C. M. E. **Filhos do coração**. São Paulo: Cabral Editora Universitária, 1997.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

MAUX, A. A. B.; DUTRA, E. **A adoção no Brasil**: algumas reflexões. Estudos e pesquisas em Psicologia, UFRJ, RJ, ANO 10, N. 2, P. 356-372, 2º QUADRIMESTRE DE 2010. Disponível em: <http://www.revipsi.uerj.br/v10n2/artigos/pdf/v10n2a05.pdf>. Acesso em: 04 Out. 2013.

PAIVA, L. D. **Adoção**: significado e possibilidades. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

RAMOS, F. P. Mas afinal... O que é documentário? São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

WEBER, L. N. D. (Org.) **Filhos adotivos, pais adotados**: depoimentos e histórias de escolhas. Curitiba: Gráfica Capital, 2007.

\_\_\_\_\_. Pais e filhos por adoção no Brasil: características, expectativas e sentimentos. Curitiba: Editora: Juruá, 2001.

\_\_\_\_\_. **Aspectos psicológicos da adoção**. Curitiba: Juruá, 1999.